



15º. Domingo depois de Pentecostes (12/09/04)

Próprio 19

1ª leitura (Antigo Testamento) – Êxodo 32.1,7-14

É uma narrativa impressionante que revela quem é Deus e a liberdade da fé que esse Deus permite. Este diálogo entre Yahweh e Moisés diante da violação do núcleo da Aliança revela quem é Deus - Deus capaz de restaurar a Aliança quebrada por não ser prisioneiro de si mesmo - e a liberdade, ousadia da fé que Moisés demonstra. Tal Deus, tal servo.

A violação do Pacto passa por um processo muito sutil e tem muito a ver com a questão da mediação e da substituição de Yahweh mantendo externamente o louvor a Ele. Vemos certa confusão entre Yahweh, Moisés e o povo. Pois este se sentiu abandonado por Moisés por sua ausência prolongada. Essa ausência se confundiu com a ausência de Deus (Ver o vs. 1). Yahweh, Deus que se compadece dos oprimidos foi substituído por um símbolo do acúmulo de bens (ouro). Essa substituição é muito sutil. Como "ritual" não houve quase mudança. Houve palavras, expressões corporais e festa de sacrifício. Porém o símbolo que "ande à nossa frente" foi de prosperidade...e não Aquele que ouviu o clamor dos sofredores. É nessa troca de fidelidade que ocorre a idolatria.

Sob esse pano de fundo ocorre o diálogo franco e aberto entre Yahweh e Moisés. Nessa conversa vemos o anamnesis, o memorial da ação de Deus. Vemos aqui algo paralelo aos Salmos de Lamentação. É o apelo a Deus que ouviu o clamor do povo sofredor e revelou-se como o Deus cheio de compaixão, que tomou sobre si as dores. (Ver, também Ex 34.6-7; Gn 18.16ss). Aqui vemos o contraste entre Yahweh e Israel (Moisés) e Faraó e Israel. Faraó não ouvia e silenciava o clamor com força e Israel estava acostumado a calar-se. Será que isto não é uma pista para falar sobre quem é grande? (É bom sempre ver Mc 10.35ss e Fp 2) É, também, tênue a linha entre Deus que se faz fraco por amor de nós e o homem que pensa alcançar tudo com "pressões".

Tudo indica que a narrativa nos ajuda a entender, de um lado, as contestações reprimidas em diversos níveis, em diversas formas, e de outro, ela é um lembrete de que, com o esquecimento da revelação de Deus no evento fundante, as contestações podem tomar rumo que não ajudam em nada a construção do relacionamento fraterno, da comunidade livre, justa, solidária, participativa, igualitária, que respeite as diferenças. (ST).

Epístola – 1 Timóteo 1.12-17

A realidade do amor de Deus tem despertado, nestes dois mil anos de história da igreja, os sentimentos mais sublimes. Muitos destes sentimentos acabaram por se transformar em belos hinos e poesias que encantam nossa adoração e resumem nossa enorme alegria diante deste mistério salvífico.



O texto da Epístola que acabamos de ler vem imediatamente depois de um parágrafo que apresenta de forma forte a ação da lei na vida das pessoas. Dos versos 8-11 compreendemos que a grande função da lei é nos revelar pecadores e nos encerrar nesta realidade de tal forma que nos sintamos condenados a uma prisão perpétua. A partir do verso 12, contudo, aquele clima nublado e frio, cheio de nuvens acinzentadas, dá lugar a um brilho matinal que refresca a alma. Paulo passa a falar agora, da graça de Deus que o atingiu, mesmo estando ele vivendo na prática de gestos tão destrutivos e desagregadores. Pensando nisso propomos hoje uma breve meditação com o seguinte tema: A graça na vida de um pecador. Com base no texto de hoje, podemos dizer que a graça de Deus, quando atinge a vida de um pecador como Paulo age de, pelo menos três formas.

Em primeiro lugar, a graça na vida de um pecador cai transbordantemente (v. 14) O versículo 14 nos diz que a graça de Jesus transbordou sobre Paulo. A palavra que é traduzida aqui por "transbordou" é bastante importante. Este verbo grego (*hyperpleonazein*) só aparece uma vez no Novo Testamento e aponta para a superabundância. Esta graça que atingiu Paulo, não veio sobre ele de uma forma qualquer e, nem mesmo de uma forma comum. Ela veio de forma copiosa, grandiosa e abundante. Mas Paulo não para por aí. Ele nos diz que ela veio "Com a fé e o amor que há em Cristo". Esta frase significa que a graça de Deus trouxe consigo a fé para substituir a incredulidade e o amor para vencer a violência com a qual perseguia os cristãos. A expressão *Em Cristo* nos fala de que o amor e a fé são os resultados visíveis de um relacionamento com Cristo. Todas as narrativas dos grandes encontros entre Deus e os homens possuem este elemento comum: a consciência de um Deus maravilhosamente grande que se digna em se encontrar com alguém ignóbil e pecador como nós. A sensação é a mesma: a graça caiu de forma portentosa sobre nós, apesar de quem somos.

Em segundo lugar, a graça na vida de um pecador Atua misericordiosamente (v. 13) A palavra "graça" significa "favor imerecido". Por causa da graça de Deus derramada em nós recebemos o perdão dos pecados e todas as demais bênçãos espirituais em Cristo. Mas a maravilhosa graça de Deus é vista de forma ainda mais grandiosa quando tomamos pé de sobre quem ela cai. Saulo, não era exatamente uma pessoa muito fácil de se relacionar. Profundamente convencido de sua fé, ele era um blasfemo com relação a Cristo. Ele blasfemava tanto pessoalmente, ao negar a Cristo, quanto também ao forçar as pessoas seguirem o seu exemplo. (At 26:11) Mas que isso, ele era um perseguidor implacável que não media esforços nem distâncias para buscar e punir aos que abraçavam o cristianismo. Suas ações violentas e blasfemas se explicam porque ele era, acima de tudo, insolente. O texto da Epístola nos diz que ele agiu na "ignorância e na incredulidade". Ao dizer que havia pecado na ignorância ele não estava se desculpando ou se considerando inocente. Ele apenas estava fazendo uso da distinção convencional que existia tanto no judaísmo quanto na seita de Cunrã entre pecados da "ignorância" e "presunçosos" procurando relacionar sua incredulidade à sua ignorância. Apesar de tudo que ele fez, contudo, ele "obteve misericórdia" (O verbo está no passivo). A misericórdia é diferente da graça porque enquanto na graça Deus nos dá o que não merecemos, na misericórdia ele *não nos dá* o que merecemos. O povo de Deus não é formado por pessoa que nunca cometeram



erros, mas por pessoas que, conscientes de seus erros, se arrependem, se convertem e voltam a Deus. Mais que isso, é a consciência de que fomos tratados graciosamente por Deus que deve nos animar a tratar da mesma forma os que nos magoam.

Em terceiro lugar, a graça na vida de um pecador transforma vocacionalmente (v. 12). Aquele perseguidor blasfemo que se considerava o "principal dos pecadores" foi agora tocado pela graça de Deus. Ao ter seu encontro com Cristo no caminho de Damasco, o mesmo Cristo que o derruba de sua montaria, é o que o fortalece. (v.12) Cristo é o capacitador e o habilitador. É ele quem nos prepara e nos chama no momento adequado para fazer a obra que ele pôs em nossas mãos para ser realizada. Neste versículo aprendemos também que Paulo foi considerado *digno de fé*. O próprio Paulo dizia que o que Deus requer dos dispenseiros é que eles sejam encontrados fiéis. (I Co 4:2) E foi isso que o Senhor Jesus viu nele. Ele foi considerado digno de fé ou de confiança. E, sendo encontrado assim, foi designado para o ministério. Ao ser *designado para o ministério* (v. 12), (do apostolado) temos que notar dois elementos: a escolha ou o chamado, que é de Deus, ou operado por ele, e que as vezes recai sobre pessoas que ninguém imaginaria, e a expressão *ministério*. William Hendriksen nos lembra que a palavra grega "diaconia" que é traduzida aqui por "ministério", nos fala de um "serviço rendido ao Senhor no espírito de amor e devoção pessoal". É interessante perceber que o ex-blasfemo está agora servindo cheio de amor e devoção; o ex-perseguidor se transformou em um *servo dos servos de Deus*. Quando a graça maravilhosa de Jesus nos toca toda a nossa existência se transforma e se renova.

Para concluir, quero chamar a atenção para um elemento litúrgico. Paulo começa este parágrafo com uma declaração de ação de graças e encerra com uma doxologia. Ele começa dizendo *Sou grato (charin echo)* como quem faz referência a uma eucaristia, a uma ação de graças, e termina citando um cântico cristão primitivo de origem sinagoga. No Novo Testamento isto só acontece com uma outra pessoa: Maria. Diante da palavra do anjo que começa dizendo "salve ó agraciada", ela responde com um lindo cântico. Paulo, que sabia que se tornaria um modelo (v. 16), e nosso dever hoje, é dar graças a Deus pelo que ocorreu na vida dos grandes santos da igreja, mas também pelo que ocorreu na vida de todos nós. (JLFA)

Santo Evangelho – Lucas 15.1-10

O evangelho selecionado para este domingo nos traz duas primeiras parábolas do capítulo 15. Elas representam a resposta à crítica dos fariseus e escribas e estão em continuidade com o que foi apresentado em 14.1-24.

Os escribas eram versados nas leituras e interpretação das Escrituras, das leis, dos comentários clássicos da Bíblia e da tradição. Por isso, eram homens indispensáveis nos diferentes conselhos e tribunais. Eles criticaram à acolhida que Jesus deu aos pecadores e coletores de imposto à sua mesa.

Vs3ss – "Quem entre os ouvintes se tiver cem ovelhas e perder uma não deixaria noventa e nove no deserto para ir a procura da que se perdeu?" O deserto é



o lugar de perigo. A resposta seria: ninguém tomaria esse risco. Contra a expectativa dos ouvintes esse homem (pastor) foi, e a encontrando, ficou cheio de alegria, e a alegria desencadeia o convite aos amigos e expressa-se em festa dos reunidos. É assim com o reinado de Deus.

Vs 8-10. Em muitos pontos esta parábola parece com a primeira. Só que o drama adquire mais intensidade. Comparativamente a mulher teve maior perda. O homem perdeu apenas 1% do seu rebanho. A mulher perdeu 10% do que possuía. A ação dela é, também, mais intensa: acendeu a lâmpada, varreu a casa e procurou com cuidado. Como na parábola anterior ela foi tomada de alegria e reuniu os amigos.

Estas parábolas desorientam, primeiramente, os ouvintes sacudindo as expectativas humanas, sua maneira de ver e julgar as coisas. E por essa desorientação vem uma nova orientação.

Quem são os agentes das parábolas?

O pastor era uma figura desprezada. O pastor e o coletor do imposto estão na mesma categoria no mundo dos críticos de Jesus. A mulher, também, era uma figura colocada à margem da sociedade.

Onde está o escândalo? Essas duas figuras indesejadas são sinais de Deus que enviou Jesus. Na acolhida que Jesus deu aos pecadores e coletores de imposto Deus os acolheu.

Assim, os ouvintes foram desafiados a ver Deus e seu reinado nas pessoas desprezadas, nas pessoas que Jesus dava acolhida. Vemos, assim, nestas parábolas a primazia e anterioridade da bondade e graça de Deus. Pois a ovelha e a moeda são incapazes de se arrepender.

Também, as parábolas estão dizendo que a alegria foi desproporcionalmente maior do que o achado. Certamente, a festa custou mais do que uma ovelha. A festa que mulher deu excedeu ao que foi achado. Tal é o amor de Deus para com os oprimidos, desprezados, esquecidos e perdidos.

Hoje, quando se fala em Deus, é preciso relacionar o que se fala sobre Deus com essas figuras desprezíveis ou não valorizadas que apontaram para Deus que enviou Jesus. (ST)